

JORNAL DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS LETRAS (Lisboa, 1836) – Produto de um autointitulado *Corpo Catedrático da Capital*, constituiu-se numa sociedade apolítica “e aberta a todos os Portugueses em cujo espírito se ache saber, em cujo coração moralidade, em cuja alma patriotismo”. O jornal, propriedade da sociedade, **é composto exclusivamente por conteúdos literários e científicos** e vendia-se com um timbre aposto nos cabeçalhos dos números publicados, para salvaguardar a autoria. O timbre, neste caso um carimbo redondo, é constituído pela divisa: uma pena, as palavras *PRO PATRIA* e, circundando-as, a legenda “SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS LETRAS” (Art. 2º, dos Estatutos. Nº1, p. 3-7). O título apresenta as palavras “da sociedade” num tamanho inferior às restantes, razão pela qual este periódico também é referido por *Jornal dos Amigos das Letras*. A coleção completa deste jornal, não ilustrado, de 26 cm e sem ficha técnica, engloba cinco números com periodicidade mensal. O primeiro número apresenta a data de Abril e o último, o 5, a de Agosto de 1836.

Um mês depois do lançamento do seu primeiro número publica-se um texto que parece um verbete deste periódico, noutro periódico. É um *Annuncio* publicado em *O Recreio: jornal das famílias*, o qual transcrevemos integralmente: “Saiu à luz o N.º 1 do *Jornal dos Amigos das Letras*. Este jornal é mensal, de 4 folhas d’impressão, *interduo*, a duas colunas. Publica-se nos primeiros dias de cada mês. Preço da assinatura: rs. 600, por trimestre e, rs. 240, cada número avulso. A venda tem lugar na loja de João Henriques, rua Augusta n.º 1, e no local da Sociedade, rua da Atalaia n.º 176. Só neste último lugar se tomam as assinaturas. Os números que não levarem o timbre da Sociedade, na capa e na primeira página, terão sido roubados, e quem os vender será *perseguido*. A correspondência, as assinaturas das Províncias, comunicações, etc., devem ser dirigidas, *francas de porte*, ao Presidente da Sociedade, rua Formosa [atual Rua do Século; residência pessoal] n.º 68, ou ao 1.º Secretário, rua da Atalaia n.º 176. – Se o jornal deixar ganho, as sobras serão aplicadas para a compra de uma Imprensa, com a qual se publicarão novas edições de Clássicos e obras uteis, para depois se darem ao Público pelo mais baixo preço. Todos os artigos do Jornal irão assignados. A Sociedade não se responsabiliza pela matéria que eles contiverem. A sua inserção só prova terem eles sido julgados dignos de publicação. Pessoas estranhas á Sociedade, poderão remeter-lhe memorias acompanhadas de cartas com o nome do autor, que só serão abertas, caso devam tais memórias publicar-se. A Comissão de Redação compõe-se de 7 membros, cuja eleição se renova de três em três meses. Os autores que remeterem um exemplar de suas ligações a um dos Secretários lerão no Jornal um *anuncio*, ou um juízo delas. Os *anuncios* de publicações literárias são gratuitos.”¹

Em 1860, Inocêncio Francisco da Silva escreve que o último número deste jornal “só se imprimiu em Dezembro do dito ano, tendo como *appendice* um artigo (com 3 páginas) de J. J. D. Lopes Vasconcellos, que foi estampado separadamente na *Typografia do Examinador* (R. da Condeça, n.º 23), 1837 – a coleção abrange ao todo 163 pág. – Não tem rosto ou frontispício especial. Foram **colaboradores** deste jornal, entre outros, os srs. Castilhos [3 irmãos],

¹ “Annuncio”. In *O Recreio: jornal das famílias*, Lisboa, n.º 5 (1 Maio 1836), p. 120.

Alexandre Herculano, Francisco Pedro Celestino Soares, António de Oliveira Marreca, José Joaquim Lopes de Lima, Manuel da Gama Xaro, Cláudio Lagrange, João Vicente Pimentel Maldonado, etc. - *Afora os artigos destes, compreende parte de uma Memória sobre as ilhas de Cabo-verde, por José Feliciano de Castilho Senior e o capítulo III da obra inédita de António Ribeiro dos Santos que se intitula da Origem e progressos da poesia em Portugal [publicações póstumas], etc.*” Aqui também é mencionada a *Typografia de J. (José) B. (Baptista) Morando, 1836. Rua dos Calafates nº 114, Lisboa.*²

Constatamos, no entanto, que a última página dos números 1 (p. 32) e 2 (p. 64) não menciona onde se imprimiram. O nome abreviado da tipografia, a sua morada e o ano de impressão apenas são referidos no fecho dos outros números (n.º 3, p. 96; n.º 4, p. 128; n.º 5, p. 160). De paginação contínua, e como facilmente se infere, cada número continha exatamente 32 páginas. Na última página de cada número pode-se consultar o respetivo “ÍNDICE (das Matérias contidas no – 1º, 2º, neste 3º, 4º – Número do *Jornal da Sociedade DOS AMIGOS DAS LETRAS*)”.

Junto com o jornal distribuía-se uma folha solta, escrita em quatro parágrafos, não assinada e de dimensão inferior (20 cm), dirigida *Ao Sócio*, na qual a sociedade convidava “todos os seus membros para enviarem ao 1º Secretário [José Feliciano de Castilho] produções literárias com que o Jornal possa ser enriquecido”. Convidava igualmente cada sócio a apresentar, pelo menos, 3 assinaturas do jornal por trimestre para receberem 4 exemplares gratuitos de oferta ou, se conseguissem, 10 assinantes recebiam 12 de oferta e, mais de 15, 4 exemplares além das assinaturas. Pedia que “cada membro promovesse a extracção do Jornal, para com as sobras começar imediatamente a reimpressão de Clássicos para serem vendidos pelo mais módico preço”. E terminava a recomendar o “envio das joyas ou quotas, por ignorarem a pessoa ou local aonde, queiram remettê-las ao Sr. Thesoureiro da Sociedade, Poais de S. Bento n.º 59³ (residência pessoal), ou à Casa da Sociedade, rua da Atalaia nº 176”.

PROGRAMA EDITORIAL

José Feliciano de Castilho escreve o primeiro texto, intitulado “Os Amigos das Letras: A. Constituição da Sociedade”, que abre assim: “Houve neste paiz um pensamento nobre e exemplar; e esta Sociedade nasceu.[...] Se uma vez se lograsse remir a instrução, essa abriria porta à liberdade: liberdade sem instrução é edifício aparatoso mas sem alicerce nem cimento”. E narra aqui a ideia originária: “o Corpo Cathedrático da Capital, e era de ver a sua unanimidade, se endereçou a Sua Magestade, e aos encarregados do leme do Estado [...] Feito este requerimento, publicado este manifesto [...] A Associação de tantos homens [...], a base de uma *Sociedade*, em que para pública vantagem se juntassem em comunidade, saber, esforços, e

² SILVA, Inocêncio Francisco da - “Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, Tomo Quarto, pp. 179-180.

³ “Lista dos Membros Effectivos da Sociedade dos Amigos das Letras em 20 de Abril de 1836”. In *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras*. Lisboa, nº1 (Abril 1836), p. 29-32.

talentos.[...] Os Instituidores chamaram em sua ajuda todos os Portuguezes que sentissem a precisão de promover em seu paiz necessárias reformas e melhoramentos, maiormente em objetos de immediata applicação pratica. [...] Porque tão desinteressada Sociedade podia ser atacada do gangrenoso *espírito de partido* [...], assentou-se em que a sciencia acharia no seio desta sociedade um Sanctuario a cujo limiar se despiriam paixões; e que seriam irmãos em sciencia os homens das mais diversas crenças políticas”. Mais, “para tornar a sua traça eficaz, a Sociedade considerando no que podia de presente fazer de *mór* proveito, se resolveu publicar uma obra periódica, aonde fossem insertas memorias uteis, e que servisse de via de comunicação entre ela e o público” (N.º 1, p. 1-2). Mais à frente, os *ESTATUTOS*, abrem assim, com o Art. 1º, do Cap. I: “A intenção da Sociedade dos Amigos das Letras é promover reformas e melhoramentos literários, com especialidade no Reino de Portugal; e mais particularmente aqueles que possam ter immediata applicação prática” (N.º1, p. 3). Considerando todos os conteúdos, incluímos este periódico na categoria de **Imprensa Cultural**.

COLABORAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO

O início do Romantismo Português é datado “habitualmente de 1825, ano da publicação em Paris do *Camões* de Garrett [...] Mas esta obra não teve sequência immediata na nossa literatura. Só depois do regresso dos emigrados se verifica o fluxo contínuo de uma corrente literária inovadora. É preferível marcar o início do romantismo em Portugal no ano de 1836, em que se publica *A Voz do Profeta*, de Herculano, segundo o modelo das *Paroles d’un Croyant* de Lamennais; em que aparecem as primeiras traduções de Walter Scott, e em que os *Ciúmes do Bardo* e a *Noite do Castello* de Castilho, que não passam de *pastiches* românticos, denunciam o triunfo entre nós do novo gosto literário.”⁴

E é precisamente o livro que inclui estes poemas, que é alvo de um texto de crítica literária assinada por **Alexandre Herculano Carvalho**, aqui como jornalista e sócio correspondente da sociedade, com apenas 25 anos de idade. Este texto foi publicado no *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras*, inserido na única rubrica deste jornal: “Novas Publicações Portuguezas. *A Noite do Castello e Os Ciúmes do Bardo, seguidos da Confissão de Amélia*, pelo Sr. A. F. de Castilho. Lisboa, 1836. 1 – vol – 12.º”. É uma crítica algo severa, da qual destacamos: “*A Noite do Castello* é um poema em que o seu Auctor procurou sacudir quanto pôde as recordações clássicas; e nesta tentativa foi quasi sempre feliz. [...] Como no poema antecedente, é o ciúme quem no *Bardo* dá matéria a larga poesia em curta somma de versos. Aqui o grito da desesperação é mais íntimo e as imagens e os pensamentos mais bastos e cerrados. A mesma traça do poema é muito mais feliz” (N.º 1, p. 28). Vemos, assim, que este novo público aprecia mais a emoção que a subtileza e gosta da expressão concreta imediatamente acessível.

Durante o reinado de D. Miguel de Portugal (absolutista), dos 13 colaboradores deste jornal, sabe-se que quatro (liberais) estiveram emigrados em Londres e/ou Paris: **José Feliciano de Castilho, Guilherme J. A. D. Pegado, A. d’O.**

⁴ SARAIVA, José, e LOPES, Óscar – “O Romantismo em Portugal”. In *História da Literatura Portuguesa* (8.ª Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975, p. 741.

Marreca e Alexandre Herculano; e um preso: **João Vicente Pimentel Maldonado**. Quatro militares também foram colaboradores e, destes um “recebeu baixa do exército”, passando a ser professor de Matemática: **Cláudio Lagrange** e outro homiziou-se: **Francisco Pedro Celestino Soares**.

Historicamente, “é no século XIX que a experiência do desterro ganha novos contornos em Portugal, com o combate revolucionário e ideológico entre o absolutismo e o liberalismo e, depois, com a defesa das convicções políticas liberais. [...] Após a Vila-Francada (1823), a Abrilada (1824) e o regresso de D. Miguel (1828), alguns liberais seguem imediatamente o itinerário do exílio em Inglaterra e França. Evitavam a prisão e preveniam as vinganças particulares, que indubitavelmente aconteceriam sobre as suas pessoas e bens. [...] Dificilmente os exilados ultrapassaram uma situação de miséria e de decepções. Daí resultou que esse êxodo fosse essencialmente o dos grupos sociais mais cultos e também mais comprometidos politicamente, constituindo-se um movimento de elite”⁵, contextualiza José Matoso.

CONTEÚDOS

Das 13 colaborações incluídas no jornal, **oito são literárias e quatro científicas**. Delas destacamos, porque também foram publicadas em livro, os títulos: *Memória sobre a importância da Economia Política*, por A. d’O. Marreca; *Odes Anacreonticas*, escritas na prisão por João Maldonado; *Novo Systema de Pontões...*, por Francisco Pedro C. Soares; *Reparos Críticos sobre alguns passos da Chronica d’El rei D. Pedro 1º de Portugal, escripta por Fernão Lopes, e acrescentada e impressa por José Pereira Baião, na Officina de Pedro Ferreira, em o anno de 1760...*, por Manuel da Gama Xaro.

Os Amigos das Letras, assim é vulgarmente conhecida a sociedade, são muitas vezes referidos em vários contextos, assim como o seu jornal, principalmente nas biografias e bibliografias dos seus colaboradores, o que **demonstra a grande importância que este periódico teve na sociedade cultural do seu tempo, 1836**.

Por M. Helena Roldão

Lisboa, HML, 16 de Abril de 2013.

⁵ MATTOSO, José – “O Exílio Político. In *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, Vol. 6, pp. 78-79.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SARAIVA, José, e LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa* (8.^a Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975.

MATTOSO, José – *História de Portugal. Vol. 6*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994

FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2008.

SILVA, Inocêncio Francisco da - *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859-1860.